



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**ANÁLISE CONJUNTURAL DAS FESTAS RELIGIOSAS FRENTE ÀS
PROFANAS**

JOALENE DE CARVALHO PEREIRA

Orientador: Prof.º Esp. Josemar Vieira

GUARABIRA – PB

2014

JOALENE DE CARVALHO PEREIRA

**ANÁLISE CONJUNTURAL DAS FESTAS RELIGIOSAS FRENTE ÀS
PROFANAS**

Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso ao Departamento de Ciências Humanas, Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III, como cumprimento para obtenção de nota final.

Orientador: Prof.º Esp. Josemar Vieira

GUARABIRA – PB

2014

P436a Pereira , Joalene de Carvalho

Análise conjuntural das festas religiosas frente às profanas. /
Joalene de Carvalho Pereira. – Guarabira: UEPB, 2014.

16 f. : Il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Josemar Vieira.”

14. Festas profanas. 2. Festas sacras 3. Igreja. I. Título.

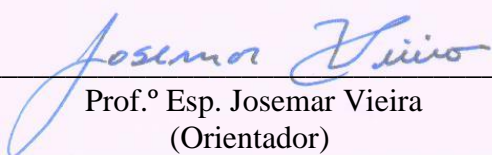
22.ed. CDD 200

JOALENE DE CARVALHO PEREIRA

**ANÁLISE CONJUNTURAL DAS FESTAS RELIGIOSAS FRENTE ÀS
PROFANAS**

Aprovado em: 12/03/3014


BANCA EXAMINADORA



Prof.º Esp. Josemar Vieira
(Orientador)



Prof.º Ms. José Otávio da Silva
(Examinador)



Prof^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
(Examinador)

GUARABIRA-PB

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por ter me dado à força necessária para realizar este artigo. Aos meus familiares, pelos esforços para que eu pudesse concluir esse trabalho. Ao professor Josemar, que com sua paciência e dedicação me auxiliou na construção deste trabalho.

SUMÁRIO

	Pág.
RESUMO	05
INTRODUÇÃO	05
1. DAS ORIGENS	06
1.1 As festas no contexto Brasil Colonial	10
2. FESTAS SACRAS VERSUS PROFANAS	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
REFERÊNCIAS	15

ANÁLISE CONJUNTURAL DAS FESTAS RELIGIOSAS FRENTE ÀS PROFANAS

Por: Joalene de Carvalho Pereira
E-mail: joalene.carvalho@hotmail.com
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Centro de Humanidade – Campus III
Departamento de História
Curso de Licenciatura Plena em História

RESUMO

Este trabalho realizou uma análise conjuntural sobre as festas religiosas frente às profanas. Partindo das origens das festas, que surgiram como momentos de celebração diante de elementos da natureza, do tempo e do espaço, relata-se sobre as modificações que esses eventos sofreram ao longo do tempo, especificando como foi introduzido, no Brasil Colonial, as festas sagradas e profanas pelos portugueses. Após isso, caracteriza cada tipo de festividade, mostrando o papel da Igreja na tentativa de impor seu poder para separar o que seria sacro e profano, destacando que essa iniciativa não obteve êxito; o objetivo central deste estudo é ressaltar que, ao longo do contexto histórico brasileiro, houve uma valorização maior das festas profanas sobre as sagradas, por motivos não mais religiosos. A metodologia desta pesquisa deu-se por meio de levantamentos de livros e artigos da internet que falam sobre as origens das festas, o poder da Igreja e do Estado sobre elas, além do empenho da Igreja para engrandecer as festas religiosas e combater as profanas. Para isto, utiliza-se dos pressupostos teóricos de Itani (2003), Priore (1994), entre outros. Com ele, pretendemos mostrar como os motivos religiosos das festas perdeu espaço para outros, fazendo com que o sacro, nesse contexto, perca sua importância diante do profano.

PALAVRAS-CHAVE: Festas; Sagrado; Profano; Igreja.

INTRODUÇÃO

A história mostra que as festas surgiram como momentos de comemoração diante de elementos da natureza, do tempo e do espaço, as quais foram se transformando ao longo do tempo. No contexto brasileiro, foi no Brasil Colônia que as festas religiosas e profanas foram introduzidas pelos colonizadores portugueses. Eram celebrações em torno de santos e motivos

católicos, que incorporaram outras características próprias do espaço da colônia. No começo, estas incorporações foram aceitas pela Igreja, para atrair os nativos; depois, a própria Igreja passa a combater essa realidade, procurando impor seu controle para separar o que seria sacro do profano.

Este trabalho científico realizou uma análise conjuntural sobre as festas, com o principal objetivo de mostrar como as festas sagradas, no espaço brasileiro, perdeu espaço para as festas profanas ao longo do tempo, pois mesmo girando em torno de motivos religiosos, as festas profanas adquiriram outras características e valores.

Foram utilizados como principais bases teóricas as obras de Itani (2003), no seu livro *Festas e Calendários*, que mostra a origem das festas e como elas foram modificadas com o passar do tempo; Priore (1994), na sua obra *Festas e Utopias no Brasil Colonial*, que fala como a Igreja e o Estado, no Brasil Colônia, usam o poder para acabar com as festas profanas e exaltar as religiosas, numa tentativa que não teve sucesso.

Sua metodologia deu-se por meio de pesquisas com levantamentos de livros e artigos da internet que falam sobre festas, com temas que envolvam suas origens, o poder da Igreja e do Estado sobre elas, além do empenho da Igreja para engrandecer as festas religiosas e combater as profanas.

Este artigo está dividido em duas partes. A primeira parte fala das origens das festas num contexto geral, com um tópico sobre a vinda do costume das festividades sacras e profanas para o território brasileiro. Na segunda parte são caracterizadas cada tipo de festas, mostrando o papel da Igreja Católica em tentar engrandecer as festas religiosas e de destruir tudo que era profano, levando a uma análise de que essa tentativa não obteve sucesso e que as festas profanas se sobreporam às sacras.

1. DAS ORIGENS

As festas são costumes populares que sofreram modificações ao longo do tempo, através das gerações. Quando surgiram, as festas tinham influências sobre as manifestações da natureza e de definir o tempo no espaço. Está presente desde os povos primitivos até as sociedades atuais.

No período da Idade Média, as festas passam por fortes rupturas e interdições, sobretudo nas sociedades feudais europeias, mas que atingem também as do Novo Mundo, das Américas. As principais mudanças: o estabelecimento do calendário universal no século XV; as políticas moralizadoras nas sociedades feudais europeias e até mesmo a

proibição das festas não-religiosas. Essas foram parte das tentativas da Igreja Católica de apropriação do tempo e das celebrações pagãs. (ITANI, 2003, p.14)

As características do ser humano, como seus costumes e crenças, refletem nas festas. Isto é visto nos ritos de celebração das colheitas, realizados por povos antigos, como uma forma de o coletivo agradecer pela boa colheita. Nessas comunidades, as festas comemoravam o tempo de cada atividade agrícola, diferenciando uma da outra. As comunidades começaram a observar as fases da Lua e as posições do Sol para ter boas colheitas de cereais, frutas e legumes.

As civilizações antigas criaram seus calendários se baseando na natureza. Algumas dessas civilizações eram as da América que tinham grandes conhecimentos, começando com os olmecas (século VII a.C.) e os maias. Esta segunda tinha uma roda calendárica, com um sistema vigesimal, tendo referência no número dos dedos, criando um mês e um ano civil que possuía dezoito unidades, resultando em 360 dias.

Os equinócios e os solstícios formam o tempo, que surgiram de cálculos matemáticos baseados na natureza e ligados a mitos. Dois equinócios é um ano civil, o da Primavera e do Outono. Já dois solstícios são do Verão e do Inverno, os quais são importantes pelo fato de que esses períodos acontecem os ciclos sazonais do trabalho agrícola.

A festa do equinócio da Primavera é realizada em vários lugares. Começou com as civilizações antigas, que através de celebrações sagradas louvavam a natureza para que ela renascesse. Em algumas áreas agrícolas europeias, no interior da Inglaterra, por exemplo, celebram a chegada da Primavera no dia 1º de maio.

A Páscoa, uma das mais importantes festividades da religião católica, surgiu das festas da Primavera, sendo comemorada desde o início da Idade Média e realizada por uma semana, desde o século II. Os cristãos passaram a celebrar a ressurreição de Cristo na Páscoa. Esta festa é importante para a Europa cristã, porque estabelece o calendário gregoriano como instrumento fundamental no domínio do tempo perante as outras culturas. Como o Inverno rigoroso prejudicava a produção, principalmente, no Hemisfério Norte, a Primavera ganhou destaque no calendário pagão. A Páscoa era e é celebrada como o fim do Inverno, o renascimento da natureza.

As festas do solstício de verão surgem nas civilizações antigas como celebração ao Deus Sol. Como a plantação e as aldeias dependiam do sol, o início do verão era importante, principalmente, no Hemisfério Norte, onde o Inverno é muito intenso. Além dos celtas, a festa ao

Deus Sol é, também, feita entre as civilizações antigas e nativas das Américas como, por exemplo, entre os guatemaltecos e em especial no Peru (ITANI, 2003).

As festas juninas, por exemplo, vieram da Festa do Sol. Acontece no solstício de Verão, no Hemisfério Norte. Nessas festas o fogo é um símbolo sagrado, por isso, desde o começo, acendem fogueiras. Para algumas civilizações, as chamas e a fumaça os protegem; para outras é para assar vegetais e animais de criação, para ofertar aos deuses; e tem os que brincam de saltar a fogueira ou utilizam as cinzas para defender suas colheitas, colocando frias sobre a vegetação.

A Igreja Católica criou outros nomes para as festas pagãs do solstício de Verão. Estas comemorações foram santificadas e passaram a serem chamadas de festas de Santo Antônio, São João Batista e São Pedro. Depois, foram usadas para festejar a colheita.

No período do verão, as pessoas que habitam o campo celebravam casamentos. Por esse motivo, os grandes bailes rurais franceses, desse período, influenciaram as danças de salão, tanto dos vilarejos como das cidades e das cortes, e, possivelmente, das quadrilhas. Já no Hemisfério Sul é provável que as quadrilhas se originassem dos costumes religiosos dos portugueses. Estas festividades são conhecidas como festas juninas, e são festejadas no Inverno.

Há uma união entre os valores religiosos e os costumes do calendário agrário. A exposição no alto do mastro da colheita é um exemplo de reconstituição das oferendas pagãs. O mastro, também, tem várias finalidades, como para louvar os santos católicos, São João, Santo Antônio ou São Pedro.

A festa da colheita realizada no Equinócio de Outono comemora a boa colheita e louva as divindades das colheitas. Para elas se coloca os primeiros vegetais e cereais, inclusive, animais. O Tchad e o Nepal são exemplos de que uma parte dos países africanos que oferecem animais nestas festas.

As festas do solstício do Inverno têm como ponto central as luzes, principalmente, no Hemisfério Norte, que no mês de dezembro até fevereiro o Inverno é mais rigoroso. Este culto pagão é para pedir a vinda da nova estação. Nas portas das casas se coloca ramo de folhas. É usado o pinheiro, única árvore resistente ao frio. No interior das casas as festas são realizadas com ramos de folhas, onde se pendura velas para celebrar a vida.

O papa Júlio César, no século IV, criou um novo calendário e a partir dele a festa cristã, que comemora o nascimento de Jesus nos países europeus católicos, procura enfraquecer os rituais do Inverno pagão. O festejo do Natal espalhou-se por alguns países do Hemisfério Sul. No

Brasil, o Natal sofreu influências de muitos países como a Holanda e Portugal que, na colonização, trouxe o costume do presépio. Da Alemanha e da Itália, originou os presentes que eram pequenos objetos de madeira retratando casas mobiliadas, brinquedos, pessoas e animais.

O final do Inverno era motivo de festividades pagãs, onde se combatia os maus espíritos para ter melhores dias, prosperidade e a alegria pelo retorno da vegetação. Em várias regiões ocorreram mudanças nestas festas e o que ficou no seu lugar é dito, como Carnaval.

Ela deixou de ser uma festa sagrada pagã do calendário agrário para ser a comemoração da prosperidade na Idade Média, onde era festejada de formas diferentes no fim do Inverno. Mesmo assim, no Carnaval algumas características permaneceram. A comemoração da fecundidade da terra e o uso de máscaras de animais assustadores, para os maus espíritos do Inverno se afastassem.

Para impor seu poder a Igreja cria datas religiosas como a Quaresma, o domingo, a segunda e, principalmente, a terça-feira tida como a Terça-feira Gorda. O carnaval, festa de origem italiana, coloca, na sociedade moderna, o indivíduo em destaque como personagem. Para o Estado Moderno ou para a Igreja era um meio de demonstrar seus poderes. Neste período, a festa adquiriu uma função que é a de falar pouco sobre a participação popular e exaltar a atuação das elites, para controlar melhor os menos favorecidos.

As histórias do calendário moderno e da civilização europeia estão ligadas, desde a Idade Média, com a interferência da Igreja Católica, que passou a controlar as festas. Havia um controle sobre o tempo, sobre o calendário. Um exemplo é o calendário Juliano (46 a.C.), onde Júlio César criou uma contagem usando os cálculos de outros calendários conhecidos. Ele se baseava nos cálculos dos movimentos dos astros. Assim, o ano solar tem doze meses lunares e onze dias, em média.

O calendário atual foi criado pelo papa Gregório XIII (1582), o calendário gregoriano. Com influência do calendário Juliano, modificou apenas o tempo antes da Páscoa, porque se baseia na contagem da Lua, em nove semanas, e o resto do ano se baseia na contagem do Sol. Só que antes de ser aceito esse calendário teve dois problemas: um é a contagem do tempo e o outro é o ano zero, ano do nascimento de Cristo, criado na formação da era cristã.

A criação de um calendário universal acaba com a ligação das festas com as estações do ano e com seus ciclos sazonais agrícolas, no Hemisfério Sul. A Páscoa, por exemplo, que devia ser na Primavera é no Outono. Porém, certos povos não se baseiam nesse calendário. Uns

exemplos são alguns ortodoxos que usam o calendário Juliano, onde o ano começa em 13 de janeiro; tem os que se baseiam no calendário pagão; e outros, como os mulçumanos, que possuem um calendário que segue o ano lunar, em que o mês começa a cada nova lua.

Nas festas onde crianças, jovens e adultos eram iguais na participação aconteceu uma mudança nos jogos e brincadeiras, nos ritos. As máscaras foram mantidas nas festas, com a música e a dança, sendo que elas tinham funções de: o homem se parecer com os deuses, conservar a juventude, contribuir para a iniciação e os ritos de passagem, entre outras.

É importante dizer que alguns costumes permanecem em muitos lugares, inclusive, no Brasil. As festas onde se comemoram fé coletiva, através da dança e da música, são feitas na Igreja sem que seja, obrigatoriamente, religiosa. Um exemplo, são as festas do Divino que são parecidas ou iguais em diferentes lugares e que, também, eram festas realizadas por negros, só que elas eram reprimidas. Aparentemente, seriam ritos religiosos, só que na verdade eram manifestações realizadas em espaços públicos coletivos. As festas pagãs foram usadas pela Igreja Católica e pelo Estado para impor a autoridade e impedir qualquer reação à violência. As festas se tornaram religiosas e foram incluídas no calendário oficial. Algumas sociedades, com o intuito de conservar seus costumes, resistiram às imposições.

1.1 AS FESTAS NO CONTEXTO BRASIL COLÔNIA

O processo de colonização do Brasil, iniciado no século XV por Portugal, deu-se por meio, entre outros, da imposição da cultura portuguesa sobre sua colônia. Coube a Igreja Católica utilizar suas festas como um instrumento para passar aos colonos seus ideais religiosos, os princípios da civilização e para manter um elo de ligação dos nativos com a cultura da metrópole. Essa foi uma importante contribuição para a imposição da cultura português ano Brasil(FILHA, 2003, p.465).

Houve a imposição de um calendário oficial das festividades religiosas europeias na colonização. Os colonizadores levavam festas do espaço e tempo deles para suas colônias e, não diferentemente, isso também ocorreu no Brasil, as quais iam se adaptando à realidade do novo espaço, surgindo novos conteúdos. Foram incorporados no Brasil colônia, através dos portugueses, as festividades religiosas de reverência à santos católicos, com romarias, missas e procissões, que tinha no rito processional um suporte espiritual. Tudo isso utilizado, pela Igreja, como forma de dar justificativas históricas e teológicas e, também, para disciplinar e dominar o

povo. Ao término destas, havia o arraial, espaço onde o povo festejava, de forma profana, sem a imposição das regras da Igreja que, de alguma forma, tentava ter o controle deste espaço, sem êxito. Era onde o sagrado e o profano se misturavam (SOUZA, 2009, p. 100-101).

2. FESTAS SACRAS VERSUS PROFANAS

[...] o papel principal de qualquer religião é promover a dicotomia entre o profano e o sagrado. As coisas profanas adquirem, segundo Durkheim, uma utilidade prática até poderem ser descartadas; já as coisas sagradas, os objetos, ideias assumem valor superior aos dos indivíduos, possui um valor de adoração que é superior ao próprio homem e é por este reverenciado. O homem ocupa desta forma um lugar secundário no universo. (NOGUEIRA, 2009, online).

Nos séculos XIX e XX, no calendário das festas religiosas coloniais percebe-se a aliança entre a Igreja e o Estado, as quais eram muito importantes para a imagem do Estado Moderno e elas só se iniciavam com o ritual que engrandecia os responsáveis pelo evento: a comunidade que festejava e o Estado que dava razões para as festas religiosas.

Havia uma necessidade de personagens enfeitados para encantar o público, sem esquecer o caráter institucional da festa e sem economizar nos atrativos para seu anúncio, com sons, estampidos e figuras fantasiadas. Como exemplo, os jesuítas foram os primeiros a perceberem que o espetáculo audiovisual podia passar a ser pastoral ou catequético.

No início acontecia um passeio com “bandeirolas de procissão” ou estandartes com a imagem do santo homenageado. Depois dos arautos e dos primeiros momentos dessas festividades, tinha o soerguimento do mastro comemorativo, principalmente, nas comemorações de São João, Santo Antônio e São Pedro.

Outra característica do início das festas religiosas eram as luminárias. As Câmaras mandavam que os moradores da vila e os que eram de fora, iluminassem as suas casas e domicílios com luminárias de festa durante seis noites antecedentes. As luminárias contribuíam para o sucesso das festas, cada vez mais fazendo propaganda do Estado Moderno, destacando o nome do rei ou de seus funcionários mais próximos.

Com influência de Portugal, tinha queima de fogos, que encantava as romarias e as procissões. Na abertura da festa, os fogos anunciavam a partida das procissões e sua chegada à Igreja ou à praça, onde se realizavam os principais momentos das festas.

Quando as festas religiosas ganhavam as ruas, insere-se o lado profano com danças e fantasias usadas nos desfiles e carros alegóricos, ritmos e harmonias foram incluídos nas festas. Mesmo que estejam ligados com o todo oficial da Igreja, cada celebração ganha características conforme cada espaço.

Como exemplo, em 1745, na cidade de Recife, uma irmandade de mulatos e libertos realizaram uma procissão onde o sacro e o profano estão envolvidos um com o outro e em que se pode perceber uma relação de fenômenos específicos que ao longo da festa misturam-se com várias intenções. Nesse evento, os mulatos e os libertos se trajavam da mesma forma que um colono branco. Para representar a *Ásia*, figura profana, eles se destacavam na procissão religiosa vestidos em rendas e cordões de ouro, os dedos com vários diamantes e os sapatos de veludo enfeitados com fivelas de ouro. A *Terra*, objeto muito visto nas procissões, esteve presente na procissão de Recife. Representava a morte do inimigo diabólico e festejada com um drama coletivo, cuja tradição manteve o lagarto ou o dragão como elemento de estranhamento e perigo. Com a finalidade de ridicularizar ou diabolizar, o negro ou o índio eram vestidos caricaturalmente e andavam ao lado dos dragões, serpentes ou crocodilos. Já nas procissões, feitas por negros, os etíopes usavam trajes e tinham atitudes que lembravam a escravidão. (PRIORE, 1994, p. 45-46).

Com a cultura popular influenciando as festas, as danças profanas surgiram nos eventos. Foi com o Concílio de Trento¹ que essas danças ganham espaço nas formas externas do culto católico. As danças profanas eram uma forma, também, dos nativos frequentarem o culto católico, mesmo participando de outros rituais. Foram incorporadas danças como a “chegança”, que comemorava o conflito entre cristãos e mouros, além de outras como os “cocos”, a “chula” e os “congos” (Ibid., 1994, p. 56).

Ainda sobre as festas religiosas, dentre os vários eventos que aconteciam, alguns devem ser discutidos. O primeiro desses eventos é o “milagre”, com sentido religioso. Como se fosse união que determinava a presença do Divino na comemoração popular, o milagre renovava as finalidades da festa, exaltava o seu sentido religioso e transmitia caráter humano às entidades

¹O Concílio de Trento teve início em 1545 e estendeu até 1563. Todos os bispos da Igreja Católica participaram do concílio. O concílio condenou os princípios protestantes. A Bíblia, legitimamente interpretada pela Igreja, continuava sendo a fonte da verdade cristã. O concílio criou seminários para melhorar a formação do clero católico. (LOPEZ; MOTA. 1995, p. 39)

sagradas. Outro evento está relacionado com a distribuição da comida. Na festa comia e bebia só que cometiam excessos no ato de beber nas confraternizações, recriminados pela Igreja.

As festas, sacras e profanas, eram o espelho das instituições de poder e da vontade do Estado Moderno para se afirmarem. Por outro lado, índios, negros, mulatos e brancos distorcem o ritual das festas para demonstrar representações de suas culturas. As instituições de poder permitiam essa outra função das festas, só que ela, também, era utilizada para determinar regras às comunidades. Um exemplo dessas normas era o sermão, que tentava impor um nível social baseado na sociedade europeia, já civilizada, através do trabalho da Igreja e da Corte.

O convívio entre o sacro e o profano faz com que o processo civilizatório, realizado pelo Estado Moderno e a legislação eclesiástica, combatam esta relação. Para isso, o primeiro dos objetivos da Reforma Tridentina na Colônia era o de eliminar a cultura popular não cristã e sua relação com o paganismo.

As *Constituições do arcebispo da Bahia* substituem na Colônia os artigos promulgados pelo Concílio de Trento, para a cristandade moderna. Advertem que nas Igrejas não se tenha farsas e jogos profanos, que não coma, beba, durma, dance entre outros atos. Tudo isso para sacralizar o espaço religioso, proporcionando a ele funções decentes e para fazer com que os escravos não cometessem erros diante das demandas do catolicismo. Eram atos inaceitáveis, por exemplo, o de homens e mulheres que se cumprimentavam aos arredores das Igrejas.

A legislação eclesiástica condenava, punindo de acordo com a gravidade do delito, dividindo o profano e o religioso, propondo comportamentos ritualizados sem nenhuma expressão profana. Só que a Igreja encontra dificuldades para impor esses novos preceitos católicos, já que o próprio corpo de clérigos não tinha um bom comportamento.

A determinação de normas para as festas se direcionam para as comemorações populares, principalmente, as de origem negra. Só que na verdade, o que se combatia nos ritos africanos eram a sensualidade e o erotismo das danças que aconteciam entre casais. Os confessores recomendavam que os jejuns tivessem que ser feitos. Os penitentes, também, eram proibidos de fornicar em dias de festa. Outras autoridades eclesiásticas proibiam o exagero da relação entre os sexos, as exhibições profanas, os bailes e canções de amor. Além dessas infrações se proibia, também, o ato de beber e um dos piores vícios que, inclusive, contagiou membros da própria Igreja: o jogo.

A Igreja tentou acabar com o sentido profano das festas, para que só permanecessem os aspectos institucional e sagrado. Só que sua tentativa não teve êxito, pois o povo aproveitava o encontro entre as pessoas, nos eventos, para fazer protesto e caricatura das instituições modernas que queriam controlá-los. Com fantasias, textos ou poesias se refletia a necessidade de resistência à centralização do Estado Moderno e da Igreja.

Outra preocupação é com o interior do templo, lugar que deveria ser só de oração após as reformas determinadas pelo Concílio de Trento. O comportamento que os fiéis deveriam ter nos templos, mas que não tem, é motivo para diversas pastorais de vários bispos. Outra inversão que ocorria dentro das Igrejas era a interferência transmitida pela música. Os sons que seriam para aproximar os homens de Deus e deixá-los mais piedosos são invertidos, induzindo os fiéis a ter pensamentos profanos.

Porém, mesmo com todo o empenho da Igreja em tentar controlar os comportamentos da sociedade para evitar a supervalorização da festa profana sobre a festa religiosa, o que se percebe foi o crescimento do lado profano. Observando desde o período colonial até os dias de hoje, as datas e festividades religiosas são meros pretextos para o entretenimento, que atualmente movimenta uma “indústria” que se montou ao redor desses costumes religiosos, que buscam outros interesses, sejam elas financeiros ou até políticos.

As festas profanas atuais, mesmo girando em torno de motivos religiosos, ganharam o sentido comercial, contradizendo ao que era proposto pela Igreja, que era o de reverenciar o lado espiritual sagrado, contrariando a idéia de que o sacro deveria se sobrepor ao profano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foram expostos neste trabalho científico, as festas, antes concebidas como momentos de celebração diante de elementos da natureza, do tempo e do espaço, foram se modificando de acordo com a época, o lugar, a cultura e o costume ao longo do tempo.

No Brasil, as festas religiosas e profanas foram introduzidas pelos portugueses durante o processo de colonização. Com eles, vinheram os costumes de celebrações em torno de santos e motivos católicos. Porém, elas foram incorporando outras características próprias do espaço da colônia, como costumes, danças e crenças de culturas africanas e indígenas. No início, tais

incorporações eram aceitáveis pela Igreja, principalmente nos festejos profanos, como forma de conquistar os nativos e africanos para a fé católica.

Após o Concílio de Trento, a Igreja passou a combater essa realidade, tentando impor um controle sobre o comportamento social para separar o que fosse sacro do profano. Porém, percebe-se que a Igreja não atingiu seu objetivo de controlar o lado profano das festividades religiosas, principalmente entre os africanos e indígenas, os quais resistiram nessa tentativa de “apagar” seus costumes e rituais.

A análise histórica do contexto brasileiro mostra que as festividades profanas ganharam dimensões maiores em relação às festividades sagradas, modificando inclusive o seu sentido de reverenciar os conteúdos sacros. Atualmente, percebe-se que os motivos religiosos de várias festas profanas são apenas pretextos comerciais para a sustentação da “indústria” do entretenimento social.

Quando acontecem as festas em comemoração a um santo católico as pessoas voltam suas atenções primeiras para as festas profanas, deixando as festividades religiosas em segundo plano. Essa característica vai de contra ao que a Igreja Católica prega, mas como o sentido comercial ganhou tanta força, o lado sagrado diminuiu e o lado profano aumentou nessas comemorações, as quais hoje sustentam interesses diversos, sejam eles financeiros ou até políticos. Os motivos religiosos deram espaço aos sentidos comerciais, fazendo com que o sacro, nesse contexto, perca sua importância diante do profano.

REFERÊNCIAS

FILHA, Mari Berthilde de Barros Lima e Moura. **Festas no Brasil Colonial – Elos de ligação com a vida da Metrópole**. II Congresso Internacional do Barroco. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.

ITANI, Alice. **Festas e Calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.

MOTA, Carlos Guilherme; LOPEZ, Adriana. **História e Civilização – O mundo moderno e contemporâneo**. São Paulo: Ática, 1995.

PRIORE, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SOUZA, João Valdir Alves. **A festa e o Calendário religioso na Demarcação dos Tempos da Vida Social**. Montes Claros: Revista Desenvolvimento Social, 2009, nº4.

NOGUEIRA, Jefferson Gomes. **Sincretismo religioso no Brasil em Casa Grande Senzala: Influências na religiosidade brasileira**. História e-História. 2009. Disponível em <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=205>. Acesso em: 21/11/2013.